



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita a El Salvador

San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010

Sabe que quando nós ganhamos as eleições, tanto o Maurício aqui em El Salvador quanto eu no Brasil, a gente, ao tomar posse como Presidente, a gente pensa que manda alguma coisa. Aí, depois que a gente toma posse, aparece um tal de cerimonial, que não foi eleito mas escolhe até a cadeira que a gente senta. E, depois, aparece a nossa *seguridad*, que determina cada passo que a gente tem que dar. Ou seja, nós mesmos, que ganhamos as eleições, ficamos sem o poder que imaginávamos que íamos ter, quando disputamos as eleições.

Eu quero, nesse momento, cumprimentar o meu amigo presidente da República de El Salvador, companheiro Maurício Funes, e a sua esposa Vanda Pignato,

Cumprimentar o Vice-Presidente de El Salvador,

Cumprimentar todos os ministros salvadorenhos aqui presentes,

Os ministros brasileiros,

Os embaixadores,

Os empresários,

E a imprensa.

Dizer para vocês que é motivo de muita alegria ser recebido aqui pelo companheiro Maurício, pela companheira Vanda, pelo filho dos dois, pelo pai da Vanda, pela mãe da Vanda. E é sempre um motivo de alegria, ou seja, quando venho a El Salvador, eu não vejo El Salvador como uma visita de um chefe de Estado, mas eu vejo a minha visita aqui como a visita de um companheiro visitando outro companheiro, sem esquecer dos nossos



compromissos como chefes de Estado.

Tivemos uma boa reunião com os empresários brasileiros e os empresários de El Salvador. E eu penso que essa reunião que fizemos pela manhã vai permitir que nos próximos meses e nos próximos anos cresça muito a relação comercial entre os dois países. E também eu quero que cresçam muito os investimentos e a construção de parcerias entre empresários salvadorenhos e empresários brasileiros.

Bem, nós viemos aqui para, mais uma vez, darmos uma demonstração do carinho que temos por El Salvador, pelo seu governo.

Eu não esqueço nunca, Maurício, eu não sei se você já tinha nascido, mas eu tive a honra e a alegria de no dia 19 de julho de 1980 participar do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, na Nicarágua. E, lá na Nicarágua, eu tinha duas expectativas: uma era, pela primeira vez, conhecer Fidel, e a outra era, pela primeira vez, conhecer o Arafat. Era um ato que tinha, aproximadamente, umas 500 mil pessoas. Conheci o Fidel, mas não conheci o Arafat. Porque, naquele tempo, eu vi 500 mil pessoas gritando: “Se Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. Porque, nos idos dos anos 80, se imaginava que depois da vitória da Frente Sandinista, em Nicarágua, a Frente Farabundo Marti venceria aqui em El Salvador.

Quis o destino que em El Salvador se construísse um processo democrático diferente, que se encontrasse uma saída negociada. E, sempre que a gente faz uma saída negociada, é mais difícil, demora mais. Mas, certamente, ela é muito mais sólida para a construção do futuro de um país. E, depois de tantas negociações, chegou-se a um acordo de paz, chegou-se a eleições livres e diretas em El Salvador, mas demorou muito tempo para que um homem com os compromissos com a democracia e com o povo mais pobre do país pudesse chegar à Presidência da República.

Eu acho que essa experiência, Maurício, da sua eleição em El Salvador, é uma homenagem que essa pátria de Farabundo Marti e de Oscar Romero e



de tantos heróis anônimos faz ao povo deste país, às mulheres e homens de El Salvador que, embora sendo cidadãos livres, ainda não conheceram o gosto da cidadania porque a eles não chegou a escola, porque a eles não chegou o direito de tomar café de manhã, almoçar e jantar, e porque a eles, muitas vezes, não chegou o direito sequer de um trabalho ou de uma moradia digna.

O seu papel é o de construir, mesmo com sacrifício, a esperança desse povo. E provar aqui, em El Salvador, como nós provamos no Brasil, que é plenamente possível você trabalhar para o crescimento econômico do país e concomitantemente você fazer política de distribuição de renda. Até porque a experiência brasileira demonstra que no auge da crise econômica, causada pelos países ricos, se não fosse os pobres terem tido acesso a dinheiro, a gente não teria tido o mercado interno para dar a resposta que os investidores brasileiros necessitavam. Foram os pobres das classes D e E, nas regiões mais pobres do Brasil, que consumiram mais e que permitiram que a roda gigante da economia continuasse girando, apesar do crédito do sistema financeiro ter desaparecido, apesar de muitos empresários terem freado a produção das suas indústrias, recebendo orientações das suas matrizes no exterior.

Foi exatamente a parte que, durante séculos, esteve excluída no meu país que, ao ter acesso ao mínimo necessário, conseguiu fazer a economia funcionar. Foram mais de 30 milhões de pobres que ascenderam à classe média no meu país. Foram milhões de jovens da periferia, que não tinham sequer oportunidade de estudar, que entraram na universidade com garantia de financiamento do governo federal.

Hoje, no Brasil, nós temos um êxodo rural ao contrário: não é mais o pobre do campo que vai para a cidade, é gente da cidade que está voltando para o campo. Porque nós levamos luz elétrica, porque nós levamos crédito, porque levamos garantia de comprar os produtos que eles produziam e,



portanto, com a segurança que o interior oferece, muita gente está regressando.

Eu sonho, Maurício, que você vai criar esse mundo aqui, em El Salvador, eu sonho... que você também vai passar momentos difíceis. Porque tem gente que não gosta de esperar, tem gente que acha que a gente pode fazer as coisas do dia para a noite; tem gente que não tem paciência; tem gente que acha que as coisas têm que acontecer no tempo que ele quer. E as coisas não acontecem no tempo que a gente quer. As coisas acontecem no tempo que pode acontecer, no tempo em que a sociedade está madura para compreender. A maturidade do conservador, daquele que teve medo da sua eleição; daquele que achava que você iria destruir El Salvador... Haverá um tempo em que ele estará tão maduro, que ele perceberá que você foi um bem para este país. Mas também daquele companheiro que se achava muito à esquerda, que achava que tudo se resolve com um grito ou com um discurso, que tudo se resolve com uma passeata, ou com uma manifestação, ele vai perceber que tem um tempo para as coisas acontecerem.

E, no Brasil, nós vivemos momentos difíceis. Tivemos momentos em que de um lado nós tínhamos a desconfiança dos setores conservadores, mas do outro lado tinha desconfiança de setores da esquerda do meu próprio partido. E foi com muita paciência, com muita discussão, com muito exercício da democracia que nós conseguimos construir o Brasil que estamos vivendo hoje. Alguns, numa subida de 16 degraus, não conseguiram chegar ao 16º degrau. Alguns pararam no 1º degrau, a esses vamos desejar boa sorte. Outros pararam no 5º degrau, vamos continuar desejando boa sorte. E aqueles que chegaram conosco até o último degrau, estes sim poderão contar no futuro a história de que eles participaram de um processo de transformação por inteiro que o Brasil está vivendo.

Quando eu vim a El Salvador a primeira vez, eu sempre ficava pensando: o que eu posso fazer para ajudar o companheiro Maurício? O que é



possível fazer? Porque eu acompanhei a campanha de El Salvador, e aqui eu via gente fazer discurso tentando dizer: “Como é que o Maurício vai governar? E o Maurício – e te agradeço por isso – fazia questão de dizer que no modelo dele governar ele iria olhar muito o que estava acontecendo no Brasil. Iria tentar colocar em prática aqui um pouco das experiências que ele acompanhou no Brasil. E eu posso te dizer uma coisa, companheiro Maurício: o que justifica o acerto do Brasil é o fato de nós termos exercitado a democracia na sua plenitude. Nunca demonstramos ódio para quem quer que seja e nunca nos negamos a atender quem quer que seja ou conversar com quem quer que seja. Para nós, uma hora a mais de reunião não nos cansava, por que era importante que daquela reunião saísse o estabelecimento de um consenso em que a gente pudesse colocar em prática.

O Brasil é hoje uma economia sólida. O Brasil ainda não aprendeu que é um país grande. O Brasil não é mais um país receptor, é um país doador. E, por conta disso, o Brasil precisa aprender – e é isso que estamos tentando fazer aqui – que uma economia pujante como a brasileira tem que ser generosa, tem que ter flexibilidade, para que a gente facilite o crédito aos países menores para dar a eles a chance de se desenvolverem.

E não queremos apenas vender para El Salvador. Queremos financiar indústria brasileira em El Salvador, em parceria com empresários de El Salvador, para que esses empresários possam exportar para o Brasil o excedente e a gente possa ter uma balança comercial equilibrada, em que não haja apenas o superávit da economia mais rica contra o déficit da economia mais pobre.

É por tudo isso, meu companheiro, que eu vim aqui. Para dizer a você e para dizer ao povo de El Salvador que a verdade é que aquele grito que eu ouvi em 1980 prevaleceu. El Salvador venceu. A democracia está reinando neste país. A esperança está espalhada em cada pessoa que a gente vê aqui em El Salvador.



E eu sei do peso das suas costas, eu sei da quantidade de carga que você tem nas suas costas para governar este país, eu sei da pressão que você sofre. Agora, Maurício, uma coisa vai te fazer ter o mesmo sucesso que nós tivemos no Brasil: primeiro, nunca perca a paciência. Nunca tome nenhuma atitude precipitada. Se puder, conte até dez; se não der certo, conte outra vez; e, aí, tome a sua decisão.

Segundo, você não pode ouvir apenas os amigos que, muitas vezes, até para te agradar, te dizem coisas boas. De vez em quando é importante a gente ouvir pessoas que não pensam como a gente, pessoas que discordam da gente, pessoas que fazem crítica. Porque, entre aquele que fala bem da gente e aquele que fala mal, a sua sabedoria permitirá a você tirar a conclusão correta e fazer um denominador comum que vai te permitir ser um grande presidente desse país.

Eu estou convencido, companheiros, que, pela índole desse homem, pela formação desse homem, eu penso que El Salvador vai contar a sua história antes e depois do presidente Maurício Funes. Porque tu tens a grandeza de uma pessoa que está governando para servir ao povo e não para se servir do povo.

Portanto, companheiros, não se preocupem porque El Salvador é pequeno. Um país não é medido pela sua grandeza territorial; um país não é medido pelo seu PIB; um país não é medido pela quantidade de gente. Um país é medido pela qualidade, pela consciência política do seu povo. E aqui, em El Salvador, vocês já provaram, ao longo da história, que aprenderam a andar de cabeça erguida e que nunca mais vão baixar a cabeça para quem quer que seja, porque a liberdade que vocês conquistaram tem um valor incomensurável, que não há dinheiro do mundo que cobre.

Eu queria terminar aqui, dizendo uma frase bonita e carinhosa para El Salvador, da grande poeta chilena Gabriela Mistral, que um dia chamou carinhosamente El Salvador de “o pequeno polegar das Américas”.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Portanto, querido companheiro Maurício, saio daqui com a convicção de que esses poucos acordos que nós firmamos aqui são apenas o começo de uma trajetória. E não fique preocupado porque o Lula vai deixar a Presidência dia 1º de janeiro, porque o acordo que estamos fazendo é um acordo do Estado brasileiro com o Estado salvadorenho. E quem vier depois de mim – pode escrever – será melhor do que eu, e vai fazer muito mais por El Salvador.

Um grande abraço, queridos, e boa sorte, Maurício.

(S211B)